




A MORFOLOGIA NO ENSINO DE PORTUGUÊS PARA ESTRANGEIROS: UMA ANÁLISE DE MATERIAIS DIDÁTICOS

MORPHOLOGY IN TEACHING PORTUGUESE TO FOREIGNERS: AN ANALYSIS OF TEACHING MATERIALS

Nildicéia Aparecida Rocha  0000-0003-3815-3785
Programa Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa
Faculdade de Ciências e Letras - Universidade Estadual Paulista
nildiceia.rocha@unesp.br

Thainá Cristina da Silva Ferreira  0000-0003-3010-1729
Programa Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa
Faculdade de Ciências e Letras - Universidade Estadual Paulista
thaina.ferreira@unesp.br

 <http://dx.doi.org/10.35572/rle.v21i2287>

Recebido em 09 de maio de 2021

Aceito em 27 de agosto de 2021

Resumo: Este trabalho integra um estudo mais amplo que analisa a aplicabilidade de materiais de Português Língua Estrangeira em contexto de Língua de Acolhimento. Aqui, analisamos isoladamente o ensino da morfologia em três materiais de português para estrangeiros. Considerando a não-valorização da Morfologia no ensino de língua-materna no Brasil, investigamos se ela é pensada ao ensinar português para estrangeiros, visto que muitas línguas apresentam processos morfológicos diferentes ou se expressam por outros recursos linguísticos. O objetivo é analisar como são apresentados os temas de flexão verbal – no Presente e Pretérito Perfeito do Indicativo – e flexão nominal – de gênero e número em vocabulários de família, profissões e nacionalidades – visando verificar se há sistematizações e explicações que considerem os processos morfológicos e morfofonológicos.

Palavras-chave: Português para estrangeiros. Flexão verbal. Flexão nominal. Livro didático.

Abstract: This article is part of a broader study that analyzes the applicability of Portuguese as a Foreign Language materials in the Host Language context. Here, we analyze in isolation the teaching of morphology in three Portuguese to foreigner textbooks. Considering the non-valuation of Morphology in the teaching of native language in Brazil, we investigated whether it is thought of when teaching Portuguese to foreigners, since many languages have different morphological processes or are expressed through other linguistic resources. The objective is to analyze how the themes of verbal inflection are presented – in the Present and Past Perfect Indicative – and nominal inflection – of gender and number in family, professions and nationalities vocabularies – in order to verify if there are systematizations and explanations that consider the morphological processes and morphophonological.

Keywords: Portuguese for foreigners. Verbal inflection. Nominal inflection. Textbook.

1. Introdução

A Morfologia é a ciência que se dedica aos estudos das partes constitutivas da palavra, investigando, entre outras coisas, processos de flexão, derivação e formação de palavras. Trata-se de uma ciência que compõe os níveis de análise linguística, assim como, por exemplo, a pragmática – que se ocupa de unidades em um nível mais macro do discurso – ou ainda a fonética – que por sua vez investiga unidades menores, como os sons das vogais e consoantes. A Morfologia se encontra em “um nível intermediário, que visa estudar as unidades da língua que apresentam certa autonomia formal, [...] as palavras. Também é parte desse mesmo nível de análise o estudo das unidades de sentido que compõem as palavras.” (MARGOTTI, 2009, p.11)

No Brasil, o estudo da morfologia do português em nível escolar acontece durante as aulas de Língua Materna (LM), refletindo sobre os processos que acontecem na própria língua do aluno, com a qual já tem familiaridade – salientamos que, nesses contextos, o aprendiz é falante nativo da língua em questão e, portanto, se supõe que saiba como produzi-la e decodificá-la. Consequentemente, na prática do ensino de LM, a morfologia não se encarrega de ensinar novos processos de formação das palavras aos alunos, mas sim de explicar os porquês e as etapas que resultam nas formas que todos estão habituados a utilizar no dia-a-dia.

A título de exemplo, se pensamos em uma situação na qual há dúvidas quanto à seleção de um sufixo para formar qualquer substantivo que seja, os falantes nativos envolvidos na conversa não passarão por uma reflexão sobre o transcurso da formação da palavra, simplesmente repetirão as possibilidades e aceitarão a que lhes soar mais familiar (“*apropriamento? apropriação? apropriação!*”) ou, ainda, apenas vão ignorar a dúvida lexical, pois na maioria das vezes entenderam o conceito do que quer ser dito. Contudo, se nos deslocamos para um aprendiz de uma língua estrangeira, temos uma situação diferente para aquele que vai emitir a mensagem.

Quando estamos aprendendo uma língua estrangeira, depreendemos maior esforço para compreender e nos fazer entender por um falante nativo, uma vez que, em um estágio inicial de aprendizagem, como a própria nomenclatura acusa, trata-se de uma língua estrangeira/do outro e, deste modo, em níveis iniciais de aprendizagem dessa língua ainda não temos autonomia para nos arriscarmos em tentativas incertas sem temer desentendimentos ou olhares estigmatizados. Assim, consideramos que promover o conhecimento e o desenvolvimento da consciência morfológica é algo muito proveitoso para um aprendiz de uma Língua Estrangeira (LE), uma vez que conhecer os processos linguísticos permite ao aluno aplicá-los nos diversos contextos e entendê-los, ao invés de apenas memorizar os produtos finais, resulta em uma ampliação exponencial das possibilidades que o falante pode valer-se ao utilizar a língua-alvo.

Desta forma, temos o estudo da morfologia como algo necessário e relevante no ensino-aprendizagem de uma LE, mas, em contraponto, como algo subestimado nas aulas de LM. Não é incomum encontrar em gramáticas, manuais ou livros didáticos de língua portuguesa explicações superficiais ou muito complexas para o público a que se dedicam no que se refere a processos de origem morfológica ou fonológica, isso quando os mencionam, e, tendo em vista que pode ser algo que não é apresentado como produtivo para o falante em sua LM e em tais contextos resulta-se em aulas que visam decorar o produto final, a língua que é falada, sem explorar ou justificar os meios, ou seja, como se fala tal língua.

Tal atitude frente ao ensino da morfologia nas aulas de LM manifesta o desinteresse ou a desvalorização do tema em seu processo de aprendizagem, o que resulta na defasagem de um conhecimento teórico-estrutural que pode ser muito útil ao

aprender uma nova língua. Assim, se por um lado temos materiais de LM que pouco exploram a Morfologia, por outro temos materiais de LE que trazem seus conceitos e processos tidos como sabidos e/ou triviais, o que acaba por complexificar ou não-facilitar a trajetória de aprendizagem de uma LE.

Deste modo, este texto se propõe a analisar o tratamento da morfologia em três matérias didáticos de Português como Língua Estrangeira (PLE), atendo-se principalmente a questões de flexão verbal e flexão nominal, com o objetivo de verificar como tem sido o tratamento didático de tais categorias linguísticas. A flexão verbal foi escolhida por ser tópico imprescindível em materiais didáticos de ensino de línguas estrangeiras e, assim sendo, é tema que está presente ao longo de todo material. A flexão nominal, por sua vez, foi escolhida considerando que, ao estudar e aplicar o campo lexical de cada unidade didática, é provável que o estudante se depare com diferentes formas de um mesmo lexema; logo, nos direcionamos às flexões de número e gênero nos vocabulários apresentados nos materiais por se tratar, inclusive, de questões básicas e iniciais no estudo de uma LE.

Isto posto, consideramos que a flexão verbal e a flexão nominal são tópicos importantes e pertinentes a aprendizes de uma língua estrangeira. Portanto, nosso objetivo é investigar de que forma a flexão verbal e nominal são expostas em alguns livros didáticos de Português Língua Estrangeira (PLE), analisando se os processos são trabalhados ou minimamente explicados ou se há apenas uma indicação do resultado das palavras ao final dos processos sem qualquer explicação ou, ainda, o que possa aparecer nos materiais. Vale a pena salientar que esta análise não perde de vista as abordagens declaradas pelos materiais didáticos, bem como seus objetivos e conceitos de língua.

2. Seleção dos materiais didáticos analisados

No contexto de uma pesquisa que propõe analisar a aplicabilidade de materiais didáticos de Português como Língua Estrangeira (PLE) em contexto de Português Língua de Acolhimento (PLAc), verificamos que termo Português como Língua de Acolhimento (PLAc) surge em Portugal para designar o ensino da língua para imigrantes, a fim de acolhê-los e integrá-los no país (ANÇÃ, 2003) e se justifica como uma nova área, uma vez que o domínio da língua-alvo perpassa por motivações que extrapolam o âmbito turístico ou acadêmico (GROSSO, 2010). Trata-se de um contexto de aprendizagem com maior pressão social, cujas necessidades dependem diretamente das exigências práticas do meio em que o aprendiz recém-chegado se integra (OLIVEIRA, 2010).

Para este estudo, foram escolhidos dois livros didáticos desenvolvidos para a área de PLE e um livro produzido especificamente para o contexto de PLAc, tendo como principal critério para a escolha dos materiais didáticos analisados o seu ano de publicação. Buscou-se por materiais didáticos cuja elaboração e lançamento fossem contemporâneos aos estudos de Língua de Acolhimento (LAc), de modo que não houvesse discrepância diacrônica referente a teorias linguísticas, abordagens e metodologias.

Os materiais didáticos de PLE escolhidos para análise são *Brasil Intercultural: língua e cultura brasileira para estrangeiros* (2013), de Giselle Nunes de Castro, e *Muito prazer: fale o português do Brasil* (2014), de Gláucia Roberta Rocha Fernandes. Estes se apresentam como abordagens intercultural e comunicativa, respectivamente. A fim de se estabelecer um contraponto, foi adicionada para a análise a cartilha *Portas Abertas: Português para Imigrantes* (2018), de autoria de Marina Reinoldes, Paola de Souza

Mandalá e Rosane de Sá Amado, por está dirigido ao contexto de PLAc, como mencionado.

O livro *Brasil Intercultural*, como o próprio nome diz, trabalha o ensino de língua portuguesa para estrangeiros sob uma ótica intercultural, sempre abrindo espaços para que os alunos possam também compartilhar a cultura de seu país, promovendo muitos diálogos interculturais. Essa postura é declarada logo na Apresentação do livro, na qual as autoras explicam:

A abordagem pedagógica adotada pela Coleção é intercultural, visto que está centrada em uma visão de língua como lugar de interação, como dimensão mediadora das relações que se estabelecem entre sujeitos e mundos culturais diferentes. A língua, deste modo, não significa apenas forma ou sistema, mas um conjunto de possibilidades de interação e vivência que inclui não só estruturas formais e suas regras, mas também todos os significados sociais, culturais, históricos e políticos que a constituem. (NUNES DE CASTRO e outros, 2013, s/p)

Portanto, o livro entende e trabalha língua e cultura como indissociáveis e, ainda, ao adotar a visão de língua enquanto lugar de interação, afasta-se de um posicionamento estritamente formal ou estrutural do ensino da gramática, optando por um enfoque contextualizado entre os muitos elementos da interação e vivência social por meio da língua.

O livro *Muito Prazer* trabalha majoritariamente a partir de diálogos que criam situações comunicativas, o que revela seu enfoque comunicativo e, assim sendo, a autora pontua:

[...] o *Muito Prazer* oferece uma abordagem nova para o ensino e aprendizado do português, que combina as melhores características das abordagens mais modernas de ensino de língua estrangeira sem deixar de lado o estudo das estruturas que formam a língua portuguesa. [...] apresentamos o léxico e a gramática essenciais para uma boa comunicação em português, por meio de atividades estimulantes e contextualizadas, que apresentam a linguagem em uso na comunicação dos brasileiros. (FERNANDES, 2014, p. 17)

Logo, vemos que seu foco está em contribuir para a comunicação dos estudantes em diversas situações possíveis, mas ainda se comprometendo com o trabalho estrutural, sempre tendo em vista o objetivo comunicacional. Vale a pena salientar que, dentre as várias atividades propostas, encontra-se alguns enunciados que ocasionalmente também trazem perguntas sobre o país de origem do estudante, incentivando a troca intercultural entre todos.

A cartilha *Portas Abertas*, por sua vez, é pautada na instrução para lidar com questões práticas de sobrevivência e permanência de imigrantes e refugiados. A respeito de sua prioridade, as autoras assinalam na Apresentação da cartilha:

Em todos os processos de acolhimento, a necessidade de domínio da língua portuguesa perpassa a preocupação, tanto dos migrantes, como também daqueles que os recebem. Assim, diversos grupos têm se organizado para oferecer cursos de português para imigrantes e refugiados, os quais precisam, com rapidez, se capacitar linguisticamente, não só para a expressão cotidiana, mas também para

as questões formais de documentação ou trabalho. (REINOLDES; MANDALÁ, SÁ AMADO, 2018, s/p)

Isto posto, fica clara a preocupação principal do material na capacitação linguística dos alunos de LAc para a resolução de assuntos próprios do contexto de deslocamento, além da expressão cotidiana. Um ponto a ser destacado positivamente é o fato de que o material a todo momento resgata conhecimentos prévios linguísticos e culturais, sejam esses oriundos da língua materna ou da LAc, para a construção dos sentidos, pondo os alunos em posição central como agentes em seu processo de aprendizagem, estabelecendo, também a relação indissociável entre língua e cultura e os diálogos interculturais.

Neste ponto, voltamos a frisar a importância de destacar os posicionamentos dos materiais didáticos selecionados, visto que seu trabalho com a gramática está diretamente relacionado com os objetivos, teorias linguísticas e metodológicas por trás de cada livro ou cartilha. Nota-se que, inicialmente, nenhum material compromete-se com o trabalho exaustivo da estrutura da língua portuguesa, e os três, em maior ou menor escala, abrem espaços para discussões que permitem o resgate do conhecimento prévio dos alunos para contraponto e resignificação do conteúdo aprendido. Entretanto, tal conhecimento prévio, na maioria das vezes, relaciona-se a questões culturais, não gramaticais.

A seguir, verificamos se também há diálogo e recuperação do conhecimento morfológico prévio dos aprendizes ao analisar, como dito anteriormente, as seções de tempos verbais e vocabulário, a fim de investigar nos processos de flexão verbal e nominal como se dá o resgate, apresentação e/ou explicação dos processos morfofonológicos relacionados aos temas em questão.

3. Descrição e Análise

3.1 Flexão Verbal

O processo de flexão verbal, em língua portuguesa, consiste no acréscimo dos sufixos número-pessoal e modo-temporal ao tema do verbo, como bem descreve Câmara Jr (1970, p. 104). Contudo, dado que o tema de um verbo é constituído por sua raiz e vogal temática, não é incomum que em alguns casos, por questões morfofonológicas, aconteça processos de adequação, como assimilação ou abaixamento da vogal temática, por exemplo, surgindo um alomorfe.

Para análise, detivemo-nos a observar em cada material selecionado especificamente como é apresentado o processo de flexão no tempo Presente e Pretérito Perfeito do modo Indicativo. Os critérios para esta seleção consistem em, a princípio, o fato de serem tempos tratados nos três materiais (nem todos os materiais, por exemplo, tratam dos temas do modo Subjuntivo, por serem direcionados ao nível básico).

Para a seleção do tempo Presente do modo Indicativo, levou-se em consideração o fato de que este é o primeiro tempo verbal estudado e, assim, é quando haveria maiores chances de se encontrar explicações a respeito do processo de flexão verbal da língua portuguesa de forma geral. O Pretérito Perfeito foi selecionado por seu significativo número de processos morfológicos e ocorrências de alomorfias, decorrentes do fato de que seu sufixo modo-temporal é igual ao do tempo Presente do Indicativo (Ø) e, deste modo, as alomorfias acontecem com a finalidade de diferenciá-los.

Na conjugação verbal regular do Presente do Indicativo, há duas ocorrências que merecem atenção: 1) alomorfia do morfema Ø de 1ª pessoa do singular – trata-se de um processo puramente morfológico que resulta na supressão da vogal temática nas três conjugações – por exemplo $(R)dan\check{c} + (VT)\emptyset + (SMT)\emptyset + (SNP)o = dan\check{c}o^1$, $(R)com + (VT)e + (SMT)\emptyset + (SNP)o = como$ e $(R)curt + (VT)i + (SMT)\emptyset + (SNP)o = curto$; e 2) as alterações na vogal temática da terceira conjugação decorrentes do contato com o sufixo número-pessoal: para 2ª e 3ª pessoa do singular e 3ª pessoa do plural ocorre abaixamento da vogal temática – a exemplificar $(R)curt + (VT)i + (SMT)\emptyset + (SNP)s / \emptyset / m = curtes / curte / curtem$, respectivamente – e na segunda pessoa do plural ocorre crase – por exemplo *curtir*: $(R)curt + (VT)i + (SMT)\emptyset + (SNP)is = curti\check{s}$.

Com o Pretérito Perfeito do Indicativo, como dito antes, seu sufixo modo-temporal é Ø, o mesmo do tempo Presente do Indicativo, apresentando apenas uma alomorfia em *-ra-* na 3ª pessoa do plural (como, por exemplo, em *curtiram*, *-ra-* é SMT, enquanto nas outras pessoas esse SMT é Ø). Como bem sabemos, as formas de 1ª pessoa do plural de ambos os tempos são idênticas e carecem de contextualização para sua interpretação. Assim sendo, os demais sufixos número-pessoais sofrem alterações que resultam em formas díspares que permitem distinguir as conjugações do Pretérito Perfeito e do Presente do Indicativo e, portanto, também acabam por fornecer informações de caráter modo-temporal. Deste modo, temos as formas *-i*, *-ste*, *-u* e *-stes*, respectivamente alomorfes de *-Ø*, *-s*, *-Ø* e *-is*. Além disso, na primeira conjugação, as vogais temáticas nas 1ª e 3ª pessoas do singular assimilam o traço de altura e também de articulação dos sufixos número-pessoais (a VT *a*, com os SNP *i* e *u* resulta nas formas *ei* e *ou*, como em *amei* e *amou*, respectivamente) e o mesmo ocorre na 1ª pessoa do singular da segunda conjugação, passando depois pelo processo de crase (por exemplo no verbo *comer*: $(R)com + (VT)e + (SNP)i = comi\check{i} > comi$), como ocorre com a 1ª pessoa do singular da terceira conjugação (verbo *curtir*: $(R)curt + (VT)i + (SNP)i = curti\check{i} > curti$).

É evidente que os processos descritos anteriormente são detalhamentos de pormenores da língua e não esperamos que um aprendiz em nível inicial tenha domínio de cada um deles, mas o professor deve ter clareza desse processo no momento do ensino. Com base na experiência e contato com materiais didáticos de ensino de língua estrangeira, sabemos que na apresentação com a flexão verbal convencionou-se isolar a raiz do verbo e apresentar vogal temática, sufixo modo-temporal e sufixo número-pessoal como uma única desinência. Verificamos, a seguir, como cada material selecionado apresenta as conjugações dos dois tempos verbais destacados.

3.1.1. A flexão verbal no livro *Brasil Intercultural*

Começando pelo livro *Brasil Intercultural*, nas Figuras 1 e 2 vemos os quadros nos quais o material introduz a flexão verbal e traz as tabelas de conjugação dos tempos Presente e Pretérito Perfeito do Indicativo, afirmando já mencionado:

¹ Sendo (R) = raiz do verbo, (VT) = vogal temática, (SMT) = sufixo modo-temporal e (SNP) sufixo número-pessoal.

Figura 1 – Presente do Indicativo regular e auxiliares

Presente do Indicativo

Na língua portuguesa, os verbos apresentam três conjugações (verbos terminados em AR, ER e IR). No Presente do Indicativo, os verbos regulares se flexionam utilizando as desinências destacadas abaixo, de acordo com a conjugação à qual pertencem.

VERBOS REGULARES			
	TRABALHAR	COMER	ASSISTIR
Eu	trabalh <u>o</u>	com <u>o</u>	assist <u>o</u>
Você	trabalh <u>a</u>	com <u>e</u>	assist <u>e</u>
Ele / Ela	trabalh <u>a</u>	com <u>e</u>	assist <u>e</u>
A gente	trabalh <u>a</u>	com <u>e</u>	assist <u>e</u>
Nós	trabalh <u>amos</u>	com <u>emos</u>	assist <u>imos</u>
Vocês	trabalh <u>am</u>	com <u>em</u>	assist <u>em</u>
Eles / Elas	trabalh <u>am</u>	com <u>em</u>	assist <u>em</u>
Tu	trabalh <u>as</u>	com <u>es</u>	assist <u>es</u>

Os verbos irregulares são aqueles que não correspondem à regularidade da conjugação a que pertencem, como nos exemplos anteriores. As irregularidades podem aparecer no radical ou na desinência. Vejamos os verbos ser, estar e ter: (*)

VERBOS AUXILIARES			
	SER	ESTAR	TER
Eu	sou	estou	tenho
Você	é	está	tem
Ele / Ela	é	está	tem
A gente	é	está	tem
Nós	somos	estamos	temos
Vocês	são	estão	têm
Eles / Elas	são	estão	têm
Tu	és	estás	tens

Figura 2 – Pret. Perfeito do Indicativo regular e auxiliares

Pretérito Perfeito do Indicativo(*)

No Pretérito Perfeito do Indicativo, os verbos regulares são flexionados, utilizando-se as desinências destacadas abaixo, de acordo com a conjugação à qual pertencem.

VERBOS REGULARES			
	TIRAR	BEBER	DIVIDIR
Eu	tir <u>e</u> i	beb <u>i</u>	divid <u>i</u>
Você	tir <u>ou</u>	beb <u>eu</u>	divid <u>iu</u>
Ele / Ela	tir <u>ou</u>	beb <u>eu</u>	divid <u>iu</u>
A gente	tir <u>ou</u>	beb <u>eu</u>	divid <u>iu</u>
Nós	tir <u>amos</u>	beb <u>emos</u>	divid <u>imos</u>
Vocês	tir <u>aram</u>	beb <u>eram</u>	divid <u>iram</u>
Eles / Elas	tir <u>aram</u>	beb <u>eram</u>	divid <u>iram</u>
Tu	tir <u>aste</u>	beb <u>este</u>	divid <u>iste</u>

(*) Você poderá consultar mais verbos regulares e irregulares no apêndice gramatical

VERBOS AUXILIARES			
	IR / SER	ESTAR	TER
Eu	fui	estive	tive
Você	fou	estive	teve
Ele / Ela	fou	estive	teve
A gente	fou	estive	teve
Nós	fomos	estivemos	tivemos
Vocês	foram	estiveram	tiveram
Eles / Elas	foram	estiveram	tiveram
Tu	foste	estiveste	tiveste

Retirados de: NUNES DE CASTRO e outros, 2013, p. 19. e p. 55.

Vemos que neste material a flexão verbal aparece no começo do livro e apenas na primeira tabela é explicado em que consistem cada uma das conjugações, de modo que é tido como algo já sabido no restante do material. Julgamos como muito pertinente a observação feita na Fig. 1 que explica para o estudante o que significa dizer que um verbo é regular ou irregular, apontando, ainda, que as irregularidades podem aparecer em diferentes partes do verbo, isto é, no radical ou na desinência.

Observa-se também que, nos verbos regulares, as desinências são indicadas em outra cor, o que visualmente “isola” o radical e destaca as desinências regulares. Os verbos irregulares apresentados nos dois momentos selecionados são aqueles que também funcionam como auxiliares para outras construções. Nesta parte da tabela, nada é destacado, ainda que em alguns momentos a irregularidade esteja no radical, mantendo a desinência regular.

Portanto, as explicações que o livro *Brasil Intercultural* traz a respeito dos processos da flexão verbal da língua portuguesa consistem apenas na diferenciação entre verbos regulares e irregulares, sem explicar, de fato, como ocorre a conjugação verbal.

3.1.2. A flexão verbal no livro *Muito Prazer*

Dirigindo-nos ao livro *Muito prazer*, na imagem a seguir vemos o primeiro quadro de flexão verbal que aparece no material. Vale salientar que esta tabela se encontra na Unidade 2 do livro, de modo que na Unidade 1 foram trabalhadas as formas do verbo ser de forma dedutiva, sem sua sistematização.

Figura 3 – 1ª conjugação regular Presente do Indicativo

UNIDADE 2 ESTE É O MEU AMIGO PAULO

LIÇÃO B GRAMÁTICA

Verbos: precisar e ligar

Verbo PRECISAR + verbo
Desculpem. Preciso ir. Eu te ligo, Karen.

Modo Indicativo - Presente
PRECISAR

Eu	preciso
Você	
Ele	precisa
Ela	
A gente	
Nós	precisamos
Vocês	
Eles	precisam
Elas	

Os verbos em português têm final em: "-ar" = 1ª conjugação – precisar
"-er" = 2ª conjugação – poder
"-ir" = 3ª conjugação – repetir

O verbo "ligar" é regular e da 1ª conjugação. Ele conjuga-se como o verbo "precisar"

Retirado de: FERNANDES, 2014, p. 40.

Notamos que há apenas um destaque por meio do recurso *negrito* nas desinências, mas não há qualquer explicação quanto ao processo de flexão verbal. Há duas observações abaixo da conjugação do verbo *precisar*, que apresentam a nomenclatura de 1ª, 2ª e 3ª conjugação e que indicam que o verbo *ligar*, sendo regular e de primeira conjugação, “conjuga-se como o verbo ‘precisar’”. Entretanto, ainda que haja esse apontamento, não há explicações a respeito do que é o processo de conjugar um verbo, como se parte de sua forma nominal de infinitivo para as formas flexionadas.

Observe a seguir um exemplo de como o livro traz a conjugação de um verbo irregular:

Figura 4 – Verbo irregular Presente do Indicativo

Modo Indicativo - Presente
TER

Eu	tenho
Você	
Ele	tem
Ela	
A gente	
Nós	temos
Vocês	
Eles	têm
Elas	

O verbo "ter" é irregular e é da 2ª conjugação. A 2ª conjugação tem os verbos com final "-er".

Retirado de: FERNANDES, 2014, p. 48.

O livro apenas marca a qual conjugação o verbo pertence e indica se se trata de um verbo regular ou irregular, sem explicar em que consiste tal (ir)regularidade. No caso dos irregulares, não há qualquer marcação na desinência, ainda que esta não seja de todo irregular. A Figura 5 traz a sistematização do Pretérito Perfeito oferecida pelo material:

Figura 5 – Pretérito Perfeito regular e irregular

UNIDADE 11 VOCÊ É BOM EM HISTÓRIA DO BRASIL?

Modo Indicativo – Pretérito Perfeito					
COMEÇAR		PERMANECER		DESCOBRIR	
Eu	comecei	Eu	permaneci	Eu	descobri
Você		Você		Você	
Ele	começou	Ele	permaneceu	Ele	descobriu
Ela		Ela		Ela	
A gente		A gente		A gente	
Nós	começamos	Nós	permanecemos	Nós	descobrimos
Vocês		Vocês		Vocês	
Eles	começaram	Eles	permaneceram	Eles	descobriram
Elas		Elas		Elas	

SER		VER	
Eu	fui	Eu	vi
Você		Você	
Ele	foi	Ele	viu
Ela		Ela	
A gente		A gente	
Nós	fomos	Nós	vimos
Vocês		Vocês	
Eles	foram	Eles	viram
Elas		Elas	

Os verbos "começar", "permanecer" e "descobrir" são modelos de verbos da 1ª (-ar), 2ª (-er) e 3ª (-ir) conjugação, no pretérito perfeito. Eles são regulares. Os verbos "ser" e "ver" são irregulares.

O pretérito perfeito é usado para descrever ações, geralmente não habituais, concluídas antes do ato de falar. A ação começou e terminou no passado.

Retirado de: FERNANDES, 2014, p. 197.

Do mesmo modo que faz ao longo de todo material, neste ponto também notamos apenas a indicação da conjugação de cada verbo e se sua flexão se dá de forma regular ou irregular, destacando em *negrito* as desinências dos verbos regulares. Observa-se, ainda, que a conjugação do verbo *ver* é tida como irregular em decorrência dos processos morfofonológicos que ocorrem, mas suas desinências não apresentam irregularidades.

Vejamos na seção seguinte como o terceiro material aborda o tema da flexão verbal.

3.1.3. A flexão verbal na cartilha *Portas Abertas*

A cartilha *Portas Abertas* funciona mais como um material de apoio ou caderno de exercícios, uma vez que é composta majoritariamente por exercícios e textos informativos. Desta forma, os tempos verbais selecionados e todos os demais, são tratados ao longo do material de forma mais indutiva, de modo que a sistematização da língua fica a cargo do professor durante as aulas, fora do material didático. Assim, observemos na Figura 6 o primeiro momento que se encontra uma tabela de conjugação no Presente do indicativo:

Figura 6 – Conjugue no Presente do Indicativo

8. O presente do indicativo representa um hábito do seu dia a dia. Conjugue os verbos:

	TRABALHAR	COMER	DIVIDIR
EU	TRABALH _____	COM _____	DIVID _____
VOCÊ/ ELE/ ELA	TRABALH _____	COM _____	DIVID _____
NÓS	TRABALH _____	COM _____	DIVID _____
VOCÊS/ ELES/ ELAS	TRABALH _____	COM _____	DIVID _____

Retirado de: REINOLDES; MANDALÁ; SÁ AMADO, 2016, p. 22.

Observando esta atividade, notamos que há o isolamento da raiz de verbos de cada uma das três conjugações e, ao completar o exercício, o aluno terá destacado as desinências de cada conjugação para este tempo verbal. Os exercícios que seguem, solicitando a construção do paradigma verbal no Presente do Indicativo, não trazem mais a raiz destacada na tabela, apenas espaços em branco para que os alunos completem com a forma inteira e não mais apenas a desinência. O mesmo ocorre no tempo Pretérito Perfeito, como vemos na imagem a seguir:

Figura 7 – Conjugue no Pretérito Perfeito do Indicativo

PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO representa uma ação pontual no passado:

- Eu trabalhei como garçom no ano passado.
- Eu vendi a minha casa no começo do ano.
- Eu dividi o dinheiro com a minha família.
- Eu tive que vir para o Brasil.

	TRABALHAR	VENDER	DIVIDIR
EU	TRABALH _____	VEND _____	DIVID _____
VOCÊ/ELE/ELA/A GENTE	TRABALH _____	VEND _____	DIVID _____
NÓS	TRABALH _____	VEND _____	DIVID _____
VOCÊS/ ELES/ ELAS	TRABALH _____	VEND _____	DIVID _____

Retirado de: REINOLDES; MANDALÁ; SÁ AMADO, 2016, p. 36.

A partir da Fig. 6, no trabalho com o Pretérito Imperfeito as autoras mantêm o mesmo modelo usado no Presente do Indicativo. Portanto, este material não traz qualquer sistematização, definição ou explicação do que seja a flexão verbal em língua portuguesa ou o que são as três conjugações/como identificá-las ou, ainda, o que são verbos regulares ou irregulares e quais suas diferenças (como vimos acontecer nos livros anteriores).

Como explicitado, o modo de apresentação na citada cartilha muito provavelmente se justifica pelo que se propõe o material e, logo, assim como também acontece nos outros dois materiais, a explicação sobre como conjugar um verbo e os processos morfológicos envolvidos ficam por conta do professor ao ministrar suas aulas, não estando presentes nestes materiais didáticos selecionados e analisados

3.2 Flexão Nominal

A flexão nominal em língua portuguesa se dedica, principalmente, às noções de gênero e número. Para marcar estas noções na categoria dos substantivos, nos valem os sufixos flexionais em número pequeno: no que se refere ao gênero, tem-se o gênero masculino (indicado pelo morfema – Ø) em oposição ao gênero feminino (marcado pelo morfema -a, com poucas alomorfas), como em *amigo* - *amiga*; com relação à noção de

número, o singular expressa a unidade e é marcado pelo morfema – Ø, enquanto o plural apresenta o morfema -S/ (-s e seus alomorfes), expressando a noção de *mais que 1*, por exemplo *1 rua - 2 ruas* (CÂMARA JR, 1970).

Segundo Câmara Jr. (1970), um equívoco bastante comum em manuais linguísticos é confundir a noção de gênero gramatical com sexo biológico, uma vez que este nada tem a ver com aquele, visto que gênero gramatical é apenas uma classificação dos nomes sem estar intimamente ligado a semântica. Isto posto, ressaltamos aqui, segundo o mesmo autor, que a maioria dos nomes em língua portuguesa apresenta gênero único, mas também existem aqueles em que é possível marcar uma oposição de gênero, estando subdivididos entre os que apresentam flexão de gênero e os que não possuem flexão (marcando o gênero apenas no artigo ou adjetivo, quando for o caso).

Ao nos voltarmos para os livros didáticos escolhidos, este é o principal aspecto da flexão de gênero que procuramos: mais do que explicar cada uma das possíveis alomorfias de gênero, espera-se que o material indique ao aluno as possibilidades do gênero nominal em língua portuguesa e em qual grupo aquele elemento se encaixa, isto é, se é possível flexioná-lo ou não e como isto é marcado. Quanto ao número dos nomes, há uma série de alomorfias do morfema -s condicionadas por fatores fonéticos, fonológicos e morfológicos, e consideramos que estes processos de formação de plural também merecem destaque, por se tratarem de fórmulas normalmente aplicáveis a mais de um contexto que são bastante produtivas para o aprendiz.

Isto posto, selecionamos três temas de vocabulários comuns aos três materiais didáticos – família, profissões e nacionalidades – e, a continuação, observamos em cada um como as flexões de gênero e número são apresentadas e se são justificadas, seguindo a ordem de apresentação de cada material.

3.2.1. A flexão nominal no livro *Brasil Intercultural*

Dos três campos lexicais selecionados, o primeiro a aparecer no livro *Brasil Intercultural* é o de tema familiar. Isso provavelmente se justifica pelo fato de que o livro, propondo uma abordagem intercultural, sempre faz o exercício de reconhecer-se enquanto cidadão no mundo para estabelecer um contraponto com o outro indivíduo e, assim, promover intercâmbios. Deste modo, ao estudar uma língua estrangeira, antes de conhecer *quem é o outro*, deve-se reconhecer *quem sou eu*. Observemos na imagem a seguir como é apresentado o vocabulário familiar:

Figura 8 – Vocabulário de família



Retirado de: NUNES DE CASTRO, 2013, p. 23.

O vocabulário é apresentado dentro de uma árvore genealógica, como é de praxe ao trabalhar-se com o tema familiar. Contudo, não há uma lista mais extensa de palavras e a árvore genealógica em questão não abrange muitas das possibilidades de vocábulos deste campo lexical – como os derivados de relações matrimoniais (marido, esposa, sogro, sogra, genro, nora) ou ainda de relações religiosas (padrinho, madrinha, afilhado, afilhada).

Além do mais, nesta apresentação não há diferenciação clara entre masculino e feminino. Neste ponto, fazemos uma ressalva de que, uma vez que os três vocabulários selecionados são relacionados a papéis atribuídos a seres humanos, o gênero gramatical masculino e feminino será apresentado, como de costume, de forma entrelaçada ao sexo biológico da pessoa a que se refere. Entretanto, na árvore genealógica acima, para a identificação de gênero, exige-se do aluno um conhecimento dos nomes próprios e a que gênero estes costumam referir-se – dado que não há qualquer indicação mais clara de ordem biológica ou morfológica (indicando, por exemplo, que o sufixo *-a* indica as formas femininas).

No seguinte vocabulário, há uma lista com número razoável de nacionalidades e, desta vez, em uma tabela que indica o país a que se refere e a forma do adjetivo masculino e feminino.

Figura 9 – Vocabulário de nacionalidades

Países e nacionalidades

Os vinhos franceses são motivo de orgulho nacional. A culinária tradicional japonesa é dominada pelo arroz branco e poucas refeições seriam completas sem ele.

PAÍS	MASCULINO	FEMININO
Alemanha	alemão	alemã
Argentina	argentino	argentina
Austrália	australiano	australiana
Brasil	brasileiro	brasileira
Bélgica	belga	belga
Bolívia	bolíviano	bolíviana
Canadá	canadense	canadense
Chile	chileno	chilena
China	chinês	chinesa
Colômbia	colombiano	colombiana
Cuba	cubano	cubana
Equador	equatoriano	equatoriana
Espanha	espanhol	espanhola
Estados Unidos	americano	americana
França	francês	francesa
Holanda	holandês	holandesa
Hungria	húngaro	húngara
Inglaterra	inglês	inglesa
Itália	italiano	italiana
Jamaica	jamaicano	jamaicana
Japão	japonês	japonesa
México	mexicano	mexicana
Paraguai	paraguaio	paraguaia
Peru	peruano	peruana
Rússia	russo	rusa
Suécia	sueco	sueca
Suíça	suíço	suíça
Turquia	turco	turca
Uruguai	uruguaio	uruguaia
Venezuela	venezuelano	venezuelana

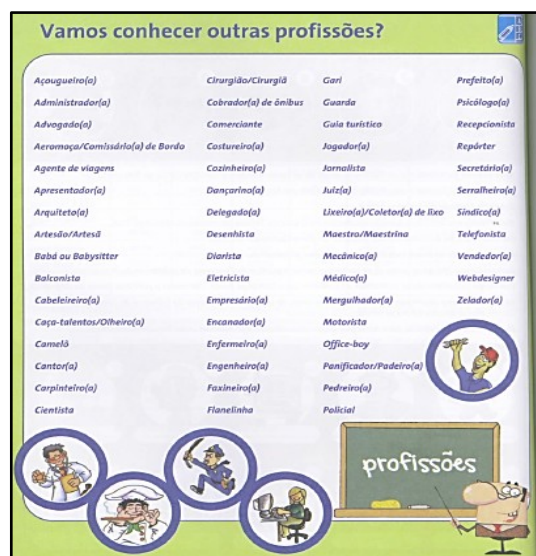
Retirado de: NUNES DE CASTRO, 2013, p. 42.

Primeiramente, observa-se, a partir dos exemplos dados, que as palavras são apresentadas como adjetivos e, assim, percebe-se que as palavras *masculino* e *feminino* se referem ao gênero gramatical destas palavras (ao concordá-las com *vinhos* e *culinária*). Um dos exemplos faz uso da forma plural do nome, mas em momento algum há explicação da forma plural ou apresentação do processo de formação do plural.

Outro ponto destacável é a imensa gama de possibilidades que a língua portuguesa tem para construir adjetivos pátrios, como, por exemplo, *-ês/-esa* ou *-ano/-ana* e demais processos de origem morfológica para a derivação de nomes de países. Uma possibilidade seria justamente categorizar os adjetivos pela sua desinência, ao invés de apenas listá-los em ordem alfabética, o que facilitaria sua memorização e evitaria equívocos, como por exemplo dizer *uruguaiano/uruguaiana*.

Na última lista de vocabulário que aparece, com temática de profissões, o livro apresenta as palavras e sua flexão de gênero de uma terceira forma:

Figura 10 – Vocabulário de profissões



Retirado de: NUNES DE CASTRO, 2013, p. 106.

Nesta lista, temos inúmeras profissões que indicarão o gênero biológico da pessoa a que se refere por meio do uso de artigos e flexão de adjetivos e outras que farão a flexão na própria palavra. Quanto ao primeiro tipo, cabe ao professor fazer esta indicação, uma vez que o material não apresenta essa distinção, e.g. *o dentista/ a dentista*. Com os substantivos que flexionam, nota-se que o livro traz as duas formas em substantivos como *artesão/artesã*, por ser um processo de alomorfa de subtração (CÂMARA JR, 1970), mas nos demais casos apenas indica que o nome flexiona por meio da marcação (*a*). Contudo, entre os muitos vocábulos assim indicados, têm-se diferentes processos, como, por exemplo, nos nomes nos quais o sufixo derivacional já carrega a noção de gênero e, portanto, o morfema de feminino é apenas acrescentado (e.g. *zelador / zeladora*) – diferentemente de casos como *médico/médica*, onde acrescenta-se o sufixo flexional *-a* à forma de base masculina e suprime-se a vogal temática (CÂMARA JR, 1970).

3.2.2. A flexão nominal no livro *Muito Prazer*

No livro *Muito Prazer*, os vocabulários de nacionalidades e profissões são apresentados em conjunto – provavelmente devido ao fato de se considerar um ambiente de aprendizagem de PLE como um lugar heterogêneo (imaginando, por exemplo, uma sala de ensino de português em situação de imersão no Brasil), de modo que, assim como em muitos outros contextos, faz parte dos conteúdos iniciais a identificação e auto-apresentação:

Figura 11 – As nacionalidades e as profissões

AMPLIAÇÃO DO VOCABULÁRIO			
Nacionalidades			
singular		plural	
masculino	feminino	masculino	feminino
argentino	argentina	argentinos	argentinas
brasileiro	brasileira	brasileiros	brasileiras
italiano	italiana	italianos	italianas
mexicano	mexicana	mexicanos	mexicanas
russo	rusa	russos	russas
Profissões			
singular		plural	
masculino	feminino	masculino	feminino
advogado	advogada	advogados	advogadas
enfermeiro	enfermeira	enfermeiros	enfermeiras
engenheiro	engenheira	engenheiros	engenheiras
médico	médica	médicos	médicas
secretário	secretária	secretários	secretárias

Figura 12 – As nacionalidades e as profissões

AMPLIAÇÃO DO VOCABULÁRIO

Nacionalidades

singular		plural	
masculino	feminino	masculino	feminino
chinês	chinesa	chineses	chinesas
francês	francesa	franceses	francesas
japonês	japonesa	japoneses	japonesas
espanhol	espanhola	espanhóis	espanholas

masculino / feminino		masculino / feminino	
canadense		canadenses	

Profissões

singular		plural	
masculino	feminino	masculino	feminino
escritor	escritora	escritores	escritoras
professor	professora	professores	professoras

masculino / feminino		masculino / feminino	
dentista		dentistas	
motorista		motoristas	

Retirado de: FERNANDES, 2014, p. 28 e 31.

Diferentemente do livro anterior, este faz a separação entre as formas masculinas e femininas e também singulares e plurais. Os nomes que não apresentam flexão de gênero são colocados juntos em uma única coluna indicada como “masculino/feminino”, o que demonstra que podem referir-se a ambos gêneros biológicos. Deste modo, aqui também há a (con)fusão dos conceitos de gênero gramatical e sexo biológico.

Quanto à flexão de número, é interessante observar que dentre os vocábulos apresentados ocorrem alomorfas, como *-es* para nomes que terminam em *-r* (*professor/escritor*) ou, ainda, *-is* para nomes que terminam em *-l* (*espanhol*). Contudo, mais uma vez tem-se apenas a apresentação das formas, sem destaque ou explicações dos processos ocorridos.

As palavras referentes a família aparecem em pequeno número dentro de uma tabela que indica “Relacionamentos”, dentro e fora do ambiente familiar:

Figura 13 – Os relacionamentos

LIÇÃO C AMPLIAÇÃO DO VOCABULÁRIO	
Relacionamentos	
Na família	Fora da família
mãe – pai (mãe + pai = pais)	amiga – amigo
esposa – marido	namorada – namorado
filha – filho	a colega – o colega
irmã – irmão	

Retirado de: FERNANDES, 2014, p. 44.

Nesta parte, não há indicação de feminino e masculino, acredita-se que devido ao fato de que nem todas as palavras indicam a oposição gramatical de gênero, apenas substantivos que se referem a diferentes gêneros biológicos. Tem-se, portanto, palavras que não são a forma masculina ou feminina do outro par (*mãe-pai*, *esposa-marido*); palavras que seguem a regra geral de flexão (*filha-filho*, *amiga-amigo*, *namorada-namorado*); palavras que flexionam, mas com uma alomorfa (*irmã-irmão*) e, ainda, palavras que não flexionam, mas que podem indicar os dois gêneros, o que o material marca pela presença do artigo (*a colega-o colega*). Como temos visto, mais uma vez os processos não são explicados ou destacados, apenas apresentados em sua forma final.

3.2.3. A flexão nominal na cartilha *Portas Abertas*

No material direcionado a imigrantes e refugiados, a cartilha *Portas Abertas*, um dos primeiros temas abordados é também o da apresentação pessoal e, assim sendo, o primeiro vocabulário dentre os analisados é o das nacionalidades. Como mencionado, a cartilha trabalha principalmente com textos informativos e atividades e, logo, a lista de nacionalidades aparece dentro de um exercício de contração de preposições e artigos:

Figura 14 – Nacionalidades

2. Relacione:

a) Eu sou do México	a) Sueco/Sueca
b) Eu sou ____ Argentina	b) estadunidense
c) Eu sou ____ Itália	c) Inglês/Inglesa
d) Eu sou ____ Estados Unidos	d) Holandês/Holandesa
e) Eu sou ____ Síria	e) Mexicano/Mexicana
f) Eu sou ____ Suécia	f) Japonês/Japonesa
g) Eu sou ____ Egito	g) Palestino/Palestina
h) Eu sou ____ Inglaterra	h) Argentino/Argentina
i) Eu sou ____ Arábia	i) Árabe
j) Eu sou ____ Japão	j) Italiano/Italiana
k) Eu sou ____ Holanda	k) Português/Portuguesa
l) Eu sou ____ Portugal	l) Sírio/Síria
m) Eu sou ____ Alemanha	m) Egípcio/Egípcia
n) Eu sou ____ Palestina	n) Brasileiro/Brasileira
o) Eu sou ____ Brasil	o) Alemão/Alemã

Retirado de: REINOLDES; MANDALÁ; SÁ AMADO, 2016, p. 18.

Vemos que muitos dos nomes pátrios apresentados aqui não são comumente apresentados em materiais didáticos “gerais” de PLE (com “gerais” nos referimos àqueles que não se dedicam a um público ou objetivo específico). Isto se dá ao fato de tentar abranger ao máximo o público-alvo a quem o livro se dedica e daí o aparecimento de nacionalidades como *árabe*, *sírio*, *egípcio* e *palestino*, por exemplo. Para os nomes que não flexionam, é apresentada apenas a única forma (sem o uso dos artigos, como aconteceu nos outros materiais) e para os que flexionam temos as formas masculina e feminina escritas lado a lado. Nesta lista, assim como nos vocabulários de nacionalidades dos outros dois livros, temos diferentes sufixos derivacionais e alomorfias da flexão de gênero, mas nada é comentado.

Após o tema da apresentação pessoal, o que segue na cartilha *Portas Abertas* é o das profissões – geralmente um assunto inicial em materiais voltados para refugiados devido ao caráter emergencial que este público tem para conseguir um emprego e conseguir maior estabilidade em diversas instâncias no país em que se encontra. Novamente, a pequena lista de profissões se insere dentro de uma atividade do tipo *relacione*:

Figura 15 – Profissões

5. Relacione as profissões à sua principal atividade:

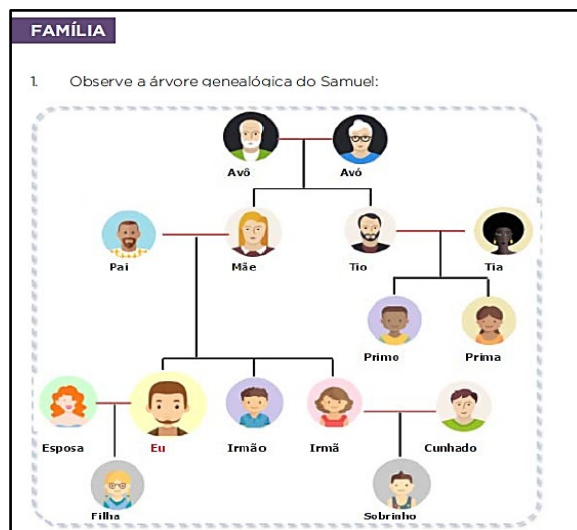
1. pintor/ pintora	() Cuida da saúde das pessoas.
2. professor/ professora	() Faz músicas, toca instrumentos...
3. mecânico/ mecânica	() Dança.
4. Babá	() Faz casas, apartamentos, fábricas...
5. médico/ médica	() Defende ou acusa pessoas de acordo com a lei.
6. músico/ musicista	() Cuida de bebês e crianças.
7. dançarino/ dançarina	() Conserta carros, motos e caminhões.
8. pedreiro/ pedreira	() Ensina e orienta alunos e alunas.
9. advogado/ advogada	() Pinta casas ou quadros.

Retirado de: REINOLDES; MANDALÁ; SÁ AMADO, 2016, p. 31.

Do mesmo modo, neste grupo de palavras temos palavras de gênero único, palavras que seguem a regra geral de flexão nominal de gênero, palavras cujo sufixo derivacional carrega a noção de gênero e, ainda, palavras cuja forma terminada em *-a* é passível de desambiguação (como *mecânica* e *pedreira*). Contudo, nenhuma particularidade ou processo é destacado.

Por fim, o vocabulário de família é apresentado mais ao final do material e dentro de uma árvore genealógica, como vemos a seguir:

Figura 16 – Família



Retirado de: REINOLDES; MANDALÁ; SÁ AMADO, 2016, p. 79.

Assim como vimos no livro *Brasil Intercultural*, aqui a árvore genealógica também não comporta ou explora o grande número de palavras que podem estar associadas ao campo lexical da família. Contudo, nota-se que algumas das palavras que não apresentam o outro gênero flexionado (*filha*, *sobrinho* e *cunhado*) são palavras que seguem a regra geral de flexão e, portanto, a esta altura do material o aluno já seria capaz de deduzi-las. Mas, ainda assim, processos alomórficos como *irmão/irmã* ou *avô/avó* não são explicados.

Aqui, destaca-se algo particular da cartilha *Portas Abertas* que não apareceu nos outros dois livros analisados: o material traz em uma seção de exercícios extras alguns sufixos de formação de substantivos e adjetivos. As imagens a seguir trazem os exercícios propostos pela cartilha:

Figura 17 - Exercícios com sufixos

8. FORMAÇÃO DE PALAVRAS

a) Usando os sufixos -MENTO, -ÇÃO ou -DADE, forme novas palavras:

Informar	
Cidadão	
Estacionar	
Continuar	
Identificar	

b) Usando os sufixos -OSO, -OSA ou -VEL, forme novas palavras:

Perigo	
Gosto	
habilidade	
responsabilidade	
possibilidade	
Horror	

Figura 18 – Exercícios com sufixos

9. ESCREVA O CONTRÁRIO DE:

Perigoso	
Responsável	
Maduro	
necessário	
horrorosa	

10. DOS SUFIXOS USADOS NOS EXERCÍCIOS ANTERIORES, QUAIS FORMAM COISAS (SUBSTANTIVOS) E QUAIS FORMAM QUALIDADES (ADJETIVOS)?

Sufixos de substantivos	Sufixos de adjetivos

11. DÊ OUTROS EXEMPLOS (QUE VOCÊ CONHECE) DE SUBSTANTIVOS E DE ADJETIVOS FORMADOS COM OS SUFIXOS IDENTIFICADOS:

Sufixos de substantivos	Sufixos de adjetivos

Retirado de: REINOLDES; MANDALÁ; SÁ AMADO, 2016, p. 104 e p.105.

Esse tipo de exercício mostra o reconhecimento das autoras a respeito da utilidade do estudo de processos morfológicos, como o da formação de palavras por meio de derivação prefixal ou sufixal, no decorrer da aprendizagem de seus alunos, considerando o tempo curto de um curso em língua de acolhimento e as necessidades imediatas dos alunos que precisam ser supridas de maneira rápida.

4. Conclusão

Infelizmente, no ensino de português como língua materna, a morfologia não ganha muito espaço nos materiais didáticos e nas salas de aula, como seria o ideal. Ela acaba por ficar isolada, distante e superficial. Dificilmente encontramos materiais que se dedicam ao ensino de morfologia, ao transmitir e discutir com os alunos a estrutura das palavras e os processos de formação delas. Geralmente, quando a morfologia é mencionada, faz-se apenas de forma superficial, quase como a título de curiosidade. É nítida a falta de dedicação e de expressão acerca da importância de se conhecer as palavras e os morfemas em materiais didáticos de PLM. Tal comportamento acaba atingido, inclusive, as aulas e a cobrança para que se saiba e que se discuta, em sala, tais conteúdos.

Ao estudarmos a língua portuguesa na escola, no ensino de verbos e dos tempos verbais, os professores tendem a passar tabelas e, talvez, esse seja o momento no qual a morfologia mais apareça e que mais tenha sua aplicabilidade demonstrada dentro da língua. No ensino de concordância nominal e de formação de palavras, a flexão nominal entra em cena, mas sempre como algo pontual, isolado, sem ser situado em um texto e em um contexto. Podemos observar que tudo é mostrado e exercitado de forma mecânica e tradicional.

A aquisição de nossa língua materna se dá de forma natural e os estudos formais em Língua Portuguesa na escola se dedicam a sistematizar e categorizar e apresentar nomenclaturas e processos que já sabemos como utilizar, mas muitas vezes não sabemos suas origens ou motivações. Enquanto falantes nativos, temos propriedade

e liberdade para experimentar, criar e brincar com nossa língua materna, explorando as diversas opções e nos expressando como melhor nos convém. Isso está ligado às muitas possibilidades que cada língua possui e não se relaciona estritamente com o estudo formal, mas com o domínio de nossa língua que temos internalizado.

Contudo, ao estudar uma língua estrangeira, não conhecemos os significados e as implicações, explícitas e sutis, que as formas podem ter em seu uso dentro de uma comunidade de fala. Portanto, o estudo formal da língua como um todo é imprescindível na aprendizagem e aquisição de uma língua estrangeira e/ou segunda língua e deve ser acompanhado de seus usos, valores e sentidos na cultura em que se insere. Ainda que se defenda que o ensino não deva ser estritamente gramatical, o ensino das formas é de extrema importância uma vez que ajuda a internalizar estruturas e viabilizar as possibilidades e contextos em que podemos aplicar determinada forma, o que amplia as ferramentas que podemos utilizar para nos comunicar e melhorar a competência e desempenho linguístico, comunicativo e discursivo.

Ensinar a própria língua como língua estrangeira é um exercício constante de colocar-se na posição do outro e examinar em nossa língua os processos por trás de tudo que usamos naturalmente enquanto falantes nativos. É muito frequente nos depararmos com a ilusão de que qualquer falante nativo pode ensinar sua língua materna ou, ainda, que um nativo ensinaria melhor ou com maior propriedade do que um professor formado, mas falante de outra língua. Consideramos muitos processos como óbvios ou triviais por utilizá-los de forma natural e não crítica, mas enquanto professores não podemos nos esquecer que o aluno estrangeiro muitas vezes não possui em sua língua materna as mesmas referências e os mesmos processos que ocorrem em língua portuguesa.

Nos últimos anos, a procura pelo ensino de língua portuguesa por falantes de outras línguas vem crescendo cada vez mais ao redor do mundo, por falantes das mais diversas línguas. Retomando os pontos que foram analisados neste trabalho, sabemos que muitas línguas não fazem a flexão verbal como as línguas românicas ou, ainda, não apresentam as mesmas vogais temáticas e vogais de ligação que utilizamos em língua portuguesa, resultando que alguns processos de alomorfias lhes sejam estranhos e não óbvios.

Por meio da análise, verificamos que dentre os materiais didáticos selecionados, nenhum se detém em explicar os processos de flexão verbal e nominal, nem suas regras e exceções. Tais conteúdos gramaticais são principalmente apresentados em listas em suas formas finais, sem justificativas ou maiores explicações, sem explicar o processo de formação dessas palavras, o que poderia facilitar a aprendizagem do fenômeno linguístico.

Consideramos que os livros *Brasil Intercultural* e *Muito Prazer* teriam maior tempo para dedicar-se à explanação desses processos, uma vez que se trata de um ensino de PLE mais convencional e para um público que se acredita já possuir uma cultura de aprender uma língua estrangeira ou que pelo menos tem o interesse e objetivos anunciados para aprendê-la. Diferentemente da cartilha *Portas Abertas* que possui maior urgência em ensinar a língua especificamente para as situações que seu público-alvo enfrentará. Ainda assim, este último material reconhece a relevância dos estudos morfológicos e dedica mesmo que breve explicação para alguns processos de formação de palavras.

Assim, concluímos que todas essas constatações realizadas sobre o ensino de português como língua materna se alastram para o ensino da nossa língua como língua estrangeira. Para termos um ensino mais adequado, profundo acerca da nossa língua e das construções que nos são permitidas em português, antes de mais nada precisamos

nos acostumar a discutir, pensar e refletir essas questões relacionadas à morfologia dentro das nossas salas de aulas, assim como encontrar ou produzir materiais didáticos para os próprios nativos que abordem tais conteúdo de forma sistematizada, crítica e com a devida importância, manifestando a aplicabilidade da morfologia. Trilhando esse caminho em LE e principalmente em LE, os materiais para os estrangeiros, para aqueles que desejam aprender o português como língua estrangeira, talvez possam encontrar apoio para se desenvolver no ensino de morfologia, resultando em um processo de aprendizagem mais consciente linguisticamente e produtivo comunicativa e discursivamente, no qual poderão se valer de estruturas aplicáveis a inúmeros contextos.

Referências

ANÇÃ, Maria Helena. **Português: língua de acolhimento: entre contornos e aproximações**. In: CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE HISTÓRIA E SITUAÇÃO DA EDUCAÇÃO EM ÁFRICA E TIMOR. Lisboa. *Anais...* Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 2003. p. 1-6.

CÂMARA JR. J. M. **Estrutura da língua portuguesa**. 36ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2004 (1ª Ed. 1970).

COSTA, D. S.. **Morfo(lógica): Flexão nominal**. In: ABREU, A. S.; SPERANÇA-CRISCUOLO, A. C.. Ensino de português e Linguística: Teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2016.

FERNANDES, Gláucia Roberta Rocha. **Muito prazer: fale o português do Brasil 1: básico**. Gláucia Roberta Rocha Fernandes; Telma de Lurdes São Bento Ferreira; Vera Lúcia Ramos. – Barueri, SP: DISAL, 2014.

GROSSO, M. J. R. **Língua de acolhimento, língua de integração**. Horizontes de Linguística Aplicada, v. 9, n.2, p. 61-77. 2010.

LAROCA, M. N. C. **Manual de morfologia do português**. Campinas: Pontes; Juiz de Fora: UFJF, 1994.

MARGOTTI, F. W.; MARGOTTI, R. C. M. F. **Morfologia do português**. UFSC, UAB. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2009. Disponível em: https://petletras.paginas.ufsc.br/files/2016/10/Livro-Texto_Morfologia_UFSC.pdf

NUNES DE CASTRO, G. **Brasil Intercultural: língua e cultura brasileira para estrangeiros: ciclo básico níveis 1 e 2/** Giselle Nunes de Castro; Cibele Nascente Barbosa; Aline Moreira; coordenado por Edleise Mendes. 1ª edição: Cidade Autônoma de Buenos Aires: Casa do Brasil – Escola de Línguas, 2013, 150 pág.

OLIVEIRA, A. M. **Processamento da linguagem num contexto migratório e de integração**. In:

GROSSO, M. Educação em Português e Migrações. Lisboa: Lidel, 2010, p. 30-47.

REINOLDES, M.; MANDALÁ, P. S.; SÁ AMADO, R. **Portas Abertas: Português para imigrantes**. São Paulo: Prefeitura de São Paulo, 2018. 116 p.

SILVA, M. C. P. S; KOCH, I. G. V. **Linguística aplicada ao português: morfologia**. 17ª Ed. São Paulo: Cortez, 2009.